

# Por um novo juscelinismo

*Economia - Brasil*

LUIZ ADOLFO PINHEIRO

Da Editoria de Opinião

10 JUL 1983  
Estranha crise essa de que os jornais tanto falam e a televisão tanto fatura. Se não deve haver lugar para otimismo ingênuos, daqueles que fizeram ficar famoso o Cândido, personagem de Voltaire, também não consigo acompanhar a onda de pessimismo que se abateu sobre algumas das melhores cabeças pensantes do país, principalmente nos meios político e jornalístico.

Ouso dizer que metade dessa chamada crise é artificial e pode ser furada com um simples alfinete. A outra metade existe, representada por problemas concretos como o desemprego setorial, o alto custo de vida e outros velhos conhecidos do povo brasileiro há, pelo menos, um século. E mesmo esses problemas têm soluções, num país de vastíssimos recursos naturais e, principalmente, de vivíssimas inteligências em todos os setores de atividade.

E curioso como o meio ambiente ficou tão poluído de más notícias que há certo constrangimento em se enfrentar o pessimismo. Ora, como nada acontece de graça em política, conclui-se que o pessimismo, enquanto artigo de consumo, é um produto político e ideológico fabricado com destinação certa e com propósitos muito bem definidos. E com interesses igualmente precisos.

É necessário, para a manutenção de certos privilégios e regalias de poder e de dinheiro, tanto internos quanto internacionais, que o Brasil não se viabilize. A plena viabilização do Brasil, isto é, o correto casamento de suas potencialidades com suas necessidades, somente se pode fazer à custa de quebrar certos padrões e privilégios, tanto internos

quanto externos. E a velha história de que não se faz omelete sem quebrar os ovos.

Todos aqueles que têm a perder com isto — notadamente as oligarquias de todos os tipos e certos interesses internacionais que são opostos aos nacionais — unem-se para impedir a viabilização plena do país. E, talvez, o fator mais importante da inviabilização do Brasil seja a disseminação de um pessimismo muito bem elaborado, que consiste, em última análise, na estruturação de uma ideologia do susto, do medo e da falta de confiança e de crédito no país.

As andanças do repórter pelo mundo permitiram constatar, “com esses olhos que a terra há de comer”, segundo os versos famosos, como o brasileiro é bem doutrinado para não acreditar no Brasil. Existe toda uma estrutura montada para a manutenção das formas internas e externas de poder — que são as mesmas dos séculos passados — com base na orientação do pensamento e da atenção do homem comum para problemas, não para soluções; para crises, não para saídas de crises.

Fatos concretos negativos são propositalmente exagerados, para se tirar a conclusão de que “o país não tem jeito”. A falta de crença na viabilização nacional é tão grande que se estende também aos extremismos. O Brasil talvez seja o único país do mundo no qual os esquerdistas não acreditam no socialismo como solução. Tanto assim, que nenhum esquerdista se declara socialista, salvo os comunistas. E não há nenhum partido socialista no país.

Nessa atmosfera de ceticis-

mo, pessimismo e exagero dos problemas — sem a ênfase na capacidade de soluções — é que o brasileiro respira e trabalha o seu cotidiano, acabando por acreditar que vive, realmente, no inferno terrestre. Se os 120 milhões de patricios pudessem cruzar as fronteiras ao menos uma vez a cada dez anos certamente voltariam com uma idéia um pouco diferente.

O que deve nos preocupar não é a inflação de 130% neste ano (a da Argentina está entre 250 e 300%), nem o desemprego, nem a dívida interna ou externa (que é relativamente menor que México, Venezuela e Argentina), mas a mentalidade que se está cristalizando no país de que não temos soluções e, portanto, temos de ser governados pelos problemas, em lugar de administrá-los e vencê-los.

Se Juscelino Kubitschek deixou algum legado histórico, terá sido a sua firme confiança no país. Ele espalhou o vento do inconformismo e do dinamismo por todas as classes e regiões do país, com seu desejo de fazer o Brasil progredir “cinquenta anos em cinco”. Tudo indica que a nação está precisando de uma lufada nova de juscelinismo otimista para vencer o que parece ser o pior problema do momento — a descrença e a sensação de impotência frente a questões perfeitamente solucionáveis.

Apesar de seus muitos erros, JK demonstrou que o inconsciente coletivo pode ser desperdado para um grande esforço produtivo, como, aliás, os regimes totalitários gostam de fazer e que o Brasil pode reviver, sem abrir mão das liberdades fundamentais.